

O JARDIM DO ÉDEN E O PALÁCIO DE BUDA: OS PARAÍÇOS PERDIDOS **THE ÉDEN GARDEN AND BUDDAH'S PALACE: THE LOST PARADISE**

José Benedito de Almeida Júnior¹

Resumo: Este trabalho de mitologia comparada tem por objetivo refletir sobre elementos comuns do Jardim do Éden, o pecado original, e o palácio onde Buda viveu até o final da sua juventude, antes de partir para o mundo. Entendemos que estas narrativas, do ponto de vista simbólico, podem ser interpretadas como uma representação do amadurecimento dos filhos quando assumem a condução da própria vida, por meio da liberdade de suas escolhas. Este processo de separação é a ruptura de um segundo cordão umbilical, uma espécie de luto para pai e mãe, pois trata-se de uma perda que terão de aceitar. Para interpretar as fontes primárias utilizamos as obras de pesquisadores do fenômeno da mitologia.

Palavras-chave: Mitologia. Éden. Buda. Pecado. Símbolos.

Abstract: This work of comparative mythology aims to reflect on common elements of the Garden of the Eden, original sin, and the palace where Buddha lived until the end of his youth, before living for the word. We understand these narratives, from a symbolic point of view, can be interpreted as a representation of the maturity of children when they assume the conduct of their own lives, through the freedom of their choices. This separation process is the rupture of a second umbilical cord, a kind of mourning for father and mother, because is a loss that they will have to accept. To interpret the primary sources, we use the works of researchers of the phenomenon of mythology.

Key words: Mythology. Eden, Buddha. Sin. Symbols.

Resumen: Este trabajo de mitología comparativa tiene como objetivo reflexionar sobre elementos comunes del Jardín de Edén, el pecado original y el palacio donde vivió Buda hasta el final de su juventud, antes de partir hacia el mundo. Entendemos que estas narraciones, desde un punto de vista simbólico, pueden interpretarse como una representación, de la madurez de los niños cuando asumen la conducta de sus propias vidas, a través de la libertad de sus elecciones. Este proceso de separación es la ruptura de un segundo cordón umbilical, una especie de luto para padre y madre, porque es una pérdida que tendrán que aceptar. Para interpretar las fuentes primarias utilizaremos los trabajos de los investigadores del fenómeno de la mitología.

Palabras-clave: Mitología. Edén. Buda. Pecado. Símbolos.

¹ Professor do Instituto e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) com pós-doutorado pela Faculdade de Filosofia e Teologia (FAJE/BH).

Introdução

A imagem de um paraíso, um lugar cercado, com jardim, árvores frutíferas, água, abundância de alimentos e sem qualquer perigo, logo sem nenhuma preocupação com a vida material, é uma imagem simbólica comum da nossa psique e dos mitos. Ela aparece em diversos povos e nas mais diferentes formas narrativas. Neste trabalho analisaremos o Éden e o palácio no qual Buda viveu até o final de sua juventude. Há, contudo, inúmeros outros exemplos de lugares semelhantes: podemos lembrar dos Jardins suspensos da Babilônia; o jardim de Epicuro, lugar onde os discípulos gozavam de uma vida livre, em fraterna situação, longe da turbulência dos conflitos éticos e políticos das cidades; as atuais Escolas de Educação Infantil eram chamadas, há algum tempo, de “Jardim da Infância”; os retiros espirituais, das mais diversas tradições budistas, cristãs, taoístas, sempre são feitos em sítios, lugares tranquilos, cercados de jardins, fontes, aves; quem não tem espaço para um jardim em suas casas, costuma cultivar plantas em vasos. Sendo pequenos ou grandes, simples ou ricamente ornamentados, os jardins são mais do que um pouco de natureza nas casas e instituições, eles representam uma abertura para o sagrado, para o mistério da vida brotando; representam uma abertura para as profundezas da psique e dos mitos.

Sobre terras e lugares fantásticos, também podemos lembrar da lenda de Atlântida, comentada, dentre outros, por Platão; Shamballa, oculta no Himalaia, que ficou conhecida no ocidente depois do romance de James Hilton. Há outros lugares que foram criados de forma literária, como o Reino ou Terra do Preste João; a Utopia, de Thomas Morus e a Cidade do Sol, de Campanella. Para mais exemplos e estudo aprofundado destes lugares fantásticos, sugerimos a leitura da obra *História das terras e lugares lendários* (2013), de Umberto Eco, o qual nos diz a respeito de sua obra:

Em suma, há terras e lugares lendários dos mais variados gêneros, que têm apenas uma característica em comum: seja quando dependem de lendas antiquíssimas, cuja origem se perde na noite dos tempos, seja quando são produto de invenções modernas, todos eles criaram fluxos de crenças. É da realidade destas ilusões que este livro pretende tratar (2013, p. 9)

Nosso objetivo é refletir sobre o pecado original e o mito do paraíso sob a perspectiva da relação entre pais e filhos, especialmente no que se trata do processo de amadurecimento e a saída da casa original. Vislumbramos uma dimensão humana nestas narrativas que vão além dos aspectos culturais e dogmáticos de uma ou outra cultura e religião em particular. Por isso,

estas narrativas podem ser analisadas como formas simbólicas. Estas reflexões não tem a pretensão de questionar os credos em si, apenas tecer considerações em torno de um dos arquétipos mais profundos da história da humanidade: a relação entre pais e filhos e o duro processo de separação decorrente do crescimento destes. A respeito das leituras e interpretações da Bíblia podemos dizer que é possível ler suas narrativas sob diversas perspectivas diferentes. O mesmo se passa com as narrativas mitológicas de outras religiões: é sempre possível analisa-las sob vários prismas.

A Bíblia, pode interpretada sob o ponto de vista histórico, linguístico e poético, por exemplo; há também interpretações filosóficas quando se trata de encontrar em suas passagens elementos pertencentes à natureza humana que vão além de suas origens culturais; há interpretações teológicas do seu conteúdo que se remetem aos elementos próprios da fé. Com certeza, o pecado original foi um dos trechos que mais proporcionou ocasiões para comentários: sua relação com mitos de outros povos, questões sobre o problema da teodiceia, exploradas, por exemplo, por Pascal, bem como, as lições sobre moral. Neste caso, infelizmente, muitas vezes, implicaram o uso desta narrativa de modo a definir o pecado original como uma mácula da alma humana e, num viés claramente machista, implicando ainda uma tendência maior da mulher para o pecado. Neste último caso, trata-se do fenômeno de esconder os preconceitos culturais sob a máscara de fundamentos religiosos o que, sem dúvida, deu motivo para opiniões hipócritas e, até mesmo, violentas.

O ponto de vista de Rudolf Karl Bultmann, sobre uma leitura desmitologizante da Bíblia, é de uma pertinência inquestionável, bastando observar o número de pesquisas que se fundamentam em sua tese, por isso, este trabalho não tem a intenção de apresentar uma contraposição, muito menos de refutá-la. Apenas vamos considerar um outro ponto de vista, pois não tomamos a expressão mito a partir das culturas e das religiões que teriam influenciado, de um modo ou de outro, a Bíblia, em sua linguagem mitológica. O cuidadoso estudo de desmitologização não implicava em eliminar os mitos, pois, conforme Pieper (2017, p. 119) quando a teologia crítica do século XIX o fez, eliminou também o querigma. Segundo Bultmann a tarefa da teologia deveria ser a de: “[...]interpretar criticamente a mitologia do Novo Testamento.” (1987, p. 22). Assim, é preciso criar uma hermenêutica que cumpra esta tarefa de separar os elementos mitológicos que encobrem a mensagem da Bíblia. Portanto, o ponto de vista de Bultmann é teológico e o nosso, mitológico.

Da mesma forma, não abordaremos aqui, a perspectiva religiosa do poema épico *O Mito do Paraíso Perdido*, de John Milton. Nesta obra, a introdução do pecado da

desobediência, quando Adão e Eva provam do fruto da árvore do conhecimento, é atribuído à influência de Satanás na história. Tal perspectiva é absolutamente válida, do ponto de vista de um discurso de fé, pois como afirma o poeta logo na terceira estrofe: “Minha fraqueza eleva, ampara, esteia, para eu poder de tal assunto ao nível, justificar o proceder do Eterno, e demonstrar a Providência aos homens.” (1956, p. 12) Como não é esta nossa perspectiva, essa questão não será objeto de análise, mesmo assim, tomamos emprestada a expressão “paraíso perdido”, pois de forma poética, ele também pode ser aplicado à história de Buda.

Consideramos que mitos são narrativas sagradas, orais ou escritas, que nos contam como surgiu o universo, os deuses, elementos da natureza, instituições sociais etc. Desta forma, do nosso ponto de vista, a Bíblia pode ser considerada uma narrativa mitológica sem qualquer desmerecimento tanto das religiões judaica e cristã, quanto de outras religiões, tenham ou não narrativas escritas.

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição [...] O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. (ELIADE, 1992, p. 11)

Segundo Campbell, no vídeo *O Poder do Mito* (1988, 45’16’’ até 46’29’’), a análise mitológica de uma narrativa sagrada, deve levar em conta que há, pelo menos, quatro considerações. A primeira, é considerar que os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério, sem isso, ficamos sem perceber o mistério que subjaz a todas as formas. A segunda, é o aspecto cosmológico do mito: como o universo se torna uma imagem sagrada. A terceira, a função sociológica do mito, de como ele ajuda uma sociedade a se preservar, fundamentando, por exemplo, a lei, os mandamentos e as regras de vida. A quarta, a dimensão pedagógica: o mito pode ensinar como viver a vida humana sob quaisquer circunstâncias. Esta última consideração, também pode ser definida como a função psicológica do mito ou seja, um manual de como viver neste mundo, como um mapa nas estrelas a orientar os navegantes, quando não tiverem mais referências na própria terra; quando o imanente não pode mais nos orientar, o transcendente encontra sua função.

O mito não deve ficar preso a sua metáfora! Com esta expressão Campbell quer dizer que não se deve ler uma narrativa mitológica como se fosse um relato teórico, e até mesmo como uma obra literária, pois muitas vezes seus relatos não fazem sentido à razão mais

elementar. Ele exemplifica com as ascensões de Cristo e Maria, que não devem ser interpretadas como verdades físicas e sim como um símbolo a indicar que se deve subir aos céus no espaço interior do próprio ser humano: a experiência interior da fé permite a transcendência dos valores e limites dos sentimentos humanos. Então, é preciso refletir sobre o que os mitos nos contam, considerar a cultura onde surgiram, é claro, mas especialmente tentar compreender sua mensagem: a qual tipo de experiência humana, por vezes, demasiadamente humana, ele nos remete? Com esta pergunta em mente colocamo-nos a analisar o pecado original, saltando as discussões teológicas judaicas ou cristãs e discussões filosóficas como as de Pascal ou Santo Agostinho, não porque as criticamos, apenas porque pretendemos partir de um outro ponto de vista que não o deles.

Uma análise mitológica não tem a pretensão de ser única e nem sequer exaustiva. Apenas apresentamos um ponto de vista arquetípico que pode indicar uma possível interpretação desta passagem. O mito não deve ficar preso a sua metáfora - as imagens que usou para descrever sua narrativa - porque ele é simbólico. A etimologia desta palavra nos remete à sua essência: *sym* (juntar) *balléin* (pedaços). Historicamente, era usado por pessoas que faziam um acordo e cada uma ficava com um pedaço de uma cerâmica partida, deste modo, juntando os pedaços poderiam retomar a memória da aliança. Assim, a palavra símbolo remete à união de uma ligação existente; ele liga a pessoa ao sagrado. Devemos ter em vista, porém, que o símbolo é muito mais profundo do que os sinais - assim como o mito não está no mesmo nível das lendas e contos de fada - um sinal remete à coisa mesma que ele representa, a marca de um produto, por exemplo; ou a imagem de um livro para indicar, num site, “biblioteca”. O símbolo traz uma carga psíquica que vai muito além deste plano, por exemplo, a cruz para os cristãos ou o Buda em posição de lótus, para os budistas. O conceito de símbolo que utilizamos neste trabalho toma como referência as noções de três estudiosos: Carl Gustav Jung, Joseph Campbell e Mircea Eliade, ainda que tenham sutis diferenças entre eles sobre o conceito de símbolo, seus aspectos comuns, acreditamos, podem fundamentar estas reflexões.

Em ordem cronológica, iniciamos com Carl Gustav Jung, cuja obra influenciará notadamente os estudos dos outros dois autores.

Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem têm um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora um

símbolo, é conduzida a idéias que estão fora do alcance de nossa razão. (JUNG, 1992, p. 20)

Mircea Eliade, em seu *Imagens e Símbolos*, esmerou-se na interpretação de elementos simbólicos de diferentes narrações mitológicas, tendo em vista a definição de símbolo:

O pensamento simbólico não é domínio exclusivo da criança, do poeta ou do desequilibrado: ele é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam quaisquer outros meios de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psique; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser. Por conseguinte o seu estudo permite-nos conhecer melhor o homem, “o homem sem mais”, aquele que ainda não transigiu com as condições da história. (ELIADE, 1979, p. 13)

Para Joseph Campbell, a noção de símbolo também é muito próxima das anteriores, tal como vemos nas palavras abaixo:

Em suma, estas narrativas sagradas e suas imagens são mensagens para a mente consciente, vinda de regiões do espírito desconhecidas da consciência normal cotidiana e, se forem lidas como se se referissem a eventos do domínio do espaço e do tempo – sejam do presente, do futuro ou do passado – terão sido mal-interpretadas e suas forças desviadas, alguma coisa secundária e externa tomando então para si a referência do símbolo, algum bastão, pedra, animal, pessoas, evento, cidade ou grupo social santificados. (CAMPBELL, 2006, p. 28)

Para quem vivencia o sagrado dentro de alguma tradição religiosa, os símbolos não são meros sinais ou representações do sagrado, mas são uma experiência viva. Assim, a linguagem simbólica dos mitos, se desdobra nos rituais por meio de gestos, dança, cantos, músicas; da mesma forma, as imagens sagradas são portadoras do *númen*. Para Jung, isto significa algo muito profundo em termos de psique, em suas palavras: “O mecanismo psicológico que transforma a energia é o símbolo. Refiro-me ao símbolo real, e não ao seu sinal. Assim, o sinal feito pelos Watschandis no chão não é um sinal do órgão genital da mulher, mas um símbolo que representa a mulher-terra a ser fecundada.” (JUNG, 1999, p. 44).

Desta forma, mesmo que rapidamente, precisamos definir o conceito de arquétipo com o qual operamos aqui, pois os elementos como jardins, árvores e serpentes, são imagens simbólicas arquetípicas. Segundo Jung:

(...) eles [os arquétipos] só são determinados em sua forma e assim mesmo em grau limitado. Uma imagem primordial [arquétipo] só tem conteúdo

determinado a partir do momento em que se torna consciente e é, portanto, preenchida pelo material da experiência consciente (JUNG, 1961/1987, p. 352).

Portanto, não é em seu conteúdo cultural que o arquétipo opera, por exemplo, a serpente Apófis, da mitologia egípcia, não é a mesma serpente do Éden, nem a serpente Mucalinda, que aparece na história de Buda; a árvore Bo, não é equivalente à da sabedoria ou da vida. Também, podemos recorrer às palavras de Nise da Silveira para nos ajudar a delimitar o que chamamos de arquétipo neste trabalho:

Muita confusão tem sido feita em torno do conceito de arquétipo. Há ainda quem continue repetindo que Jung admite a existência de ideias inatas e de imagens inatas. É falso. Incansavelmente ele repete que arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas onde configurações análogas tomam forma. Jung compara o arquétipo ao sistema axial dos cristais que determina a estrutura cristalina na solução saturada sem possuir, contudo, existência própria. (SILVEIRA, 1981, p. 77)

Portanto, temos em vista que a interpretação desta passagem da *Gênesis* e a sua comparação com a história de Buda será feita do ponto de vista simbólico, considerando que tais textos não foram escritos em linguagem proposicional ou discursiva, suas narrativas não são relatos que tem a pretensão de serem verdadeiros do ponto de vista das verdades científicas, seja das áreas de ciências naturais ou ciências humanas. A noção de verdade, aqui, assume um caráter simbólico fundamental para ser compreendido por quem pretende estudar narrativas mitológicas que, por excelência, descrevem seres, circunstâncias e lugares que estão fora do campo das experiências humanas imediatas. Não são metáforas, alegorias, parábolas; não pertencem ao campo do imaginário, nem das fantasias. Podem se assemelhar a todos eles, mas os mitos, e a linguagem simbólica em que se nos apresentam, estão além da nossa capacidade de descrição. Tomo como exemplos desta perspectiva dois casos. O primeiro é o nome de Deus na Bíblia, nome este impronunciável. O segundo, nos vem do *Tao Te King*, escrito por Lao Tzu: “O *Tao* que pode ser pronunciado, não é o *Tao* eterno. O nome que pode ser proferido não é o Nome eterno.” (1995, p. 37). Por fim, nos remetemos ao *Evangelho de Felipe*: “A verdade não veio nua a este mundo, mas envolta em símbolos e imagens, já que de outra maneira não poderia ser recebida.” (1992, p. 190). Com estas considerações, encerramos a apresentação dos conceitos que fundamentarão a análise comparativa do jardim do Éden, do palácio onde Buda viveu e os fenômeno da partida.

1. O Éden e o palácio de Buda

Joseph Campbell, assim como outros estudiosos, fizeram várias pesquisas sobre os paralelos entre a história de Buda e de Cristo, principalmente a partir das narrativas sobre concepções imaculadas e mitos que narravam seu nascimento e a jornada do herói (CAMPBELL, 1997), pois tanto Buda, quanto Cristo, cumprem as três etapas arquetípicas da jornada: separação, iniciação e retorno. Há vários símbolos presentes tanto na narrativa de Gênesis 2, quanto na história de Buda, que também foram observados, dentre eles, o jardim, a serpente, árvores e um mundo externo ao jardim onde há sofrimento e morte.²

Contudo o paralelo entre o jardim do Éden e o palácio onde Buda foi criado, cremos que foi menos estudado. A palavra hebraica Éden significa estepe, porém não se refere somente à paisagem geográfica, e sim à noção de “campinas verdejantes”, por extensão, “lugar de fartura”. O Jardim do Éden é o paraíso, palavra é composta pelo radical *peri* de perímetro, o que rodeia um espaço. A palavra persa *daeza*, de origem persa, significa muro. Assim, o Jardim do Éden é um paraíso **murado** – tal como o palácio onde Buda foi criado - isolado do mundo externo onde se vive em meio à abundância de alimentos, sem a presença de violência, dores e até mesmo a morte, ou seja, não há medo de escassez, nem de sofrimentos.

Indo à descrição de nossas fontes, começemos pelo livro *A Doutrina de Buda* (1998) cuja tradução e revisão são bastante autorizadas. Segundo a narrativa um ermitão chamado Asita viu um brilho ao redor do castelo e considerando isto um bom presságio e foi até o palácio do Rei Shuddhodana, o pai de Buda, e lhe disse: “Este príncipe, se permanecer no palácio, após a juventude, tornar-se-á um grande rei e governará o mundo todo. Porém, se abandonar a vida palaciana e abraçar a vida religiosa, tornar-se-á um Buda, o Salvador do Mundo”. (1998, p. 3). A princípio o rei ficou satisfeito, pois queria que o filho se tornasse um grande rei, porém, depois começou a ficar preocupado com a hipótese do filho deixar o palácio. Então, para prevenir-se desta hipótese tomou determinadas precauções.

O Rei se preocupava muito, toda vez que se lembrava da profecia do eremita, e tentava por todos os meios divertir o príncipe e dirigir seus pensamentos para outras direções. [...] Durante dez anos, em diferentes Pavilhões da Primavera, do Outono, e

² Zimmer (2000) analisa as árvores sob as quais Buda medita, especialmente a importância da árvore Bo; numa delas é o Rei Serpente Mucalinda quem protege Buda durante sua meditação. Campbell (2008, p. 40), por sua vez, traça paralelos entre o arquétipo da serpente não somente na história de Buda e do Gênesis 2, quanto também em outras culturas.

da Estação Chuvosa o Príncipe viveu mergulhado nas rodas de música, dança e prazeres. (1998, p. 4 – 5).

Observamos que a narrativa possui elementos similares aos do Jardim do Éden, por vezes diretos, por vezes, espelhados. Como as histórias de Buda e de Cristo são de pessoas históricas, a comparação com Adão e Eva deve levar em conta a comparação de personagens de origem diferentes: Buda é histórico e Adão e Eva mitológicos. Contudo, as narrativas conduzem por caminhos muito semelhantes. Na *Doutrina de Buda* lemos: “Se o Príncipe permanecer no palácio se tornará um grande rei”. Da mesma forma lemos na *Bíblia*:

Iahweh Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara. Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento. [...] Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2, 8 - 15)

Ambos teriam por função cultivar e proteger o lugar onde nasceram, um como príncipe e outro como o jardineiro.³ O Rei Shuddhodana é um pai, assim como Deus, que deseja que seu filho continue sua obra, cuidando e protegendo-a. Porém, ambos, possuíam um risco de abandoná-la. Adão, porque estava só, e também porque havia, no meio do Jardim, a árvore do conhecimento do bem e do mal que representava um perigo: caso Adão comesse daquela árvore Deus teria de expulsá-lo de casa. Buda, no relato da obra em questão, desde cedo meditava sobre o sofrimento, certa vez, caminhando com seu Pai viu um pássaro descer à terra e pegar um pequeno inseto, imediatamente sentiu-se triste pensando porque os seres vivos matam-se uns aos outros. O relato continua:

Ele, que havia perdido sua mãe logo depois do nascimento, encontrava-se profundamente tocado pela tragédia destes pequenos seres. Esta ferida espiritual aprofundava-se cada vez mais à medida que ele crescia. Como uma pequena escoriação numa árvore jovem, o sofrimento da vida humana tornava-se profundamente patente em sua mente. (1998, p. 4)

Portanto, este sentimento fundamental de Buda representava o risco dele sair de casa um dia, assim como a árvore do conhecimento era um risco para Adão. Uma das formas de não deixá-los à mercê deste risco seria com um casamento. Eis os dois relatos:

³ A história de jardineiros também aparece no Mito de Atrasis. Os deuses cansados de fazer os trabalhos na terra, pedem que Elil resolva isso. O Deus encarrega Belet-ili, a deusa da gestação, de criar os mortais para fazerem os trabalhos pesados; ela cria sete machos e sete fêmeas. Porém, seiscientos anos depois, os mortais eram muito e faziam tanto barulho que atrapalhavam o sono de Elil. A partir daí surgem conflitos entre o Elil que quer destruir os humanos e Enki, que avisa Atrasis do dilúvio de sete dias que estava por vir, dando-lhe instruções de como construir um barco. (1994, p. 50 – 51)

Quando o Príncipe completou dezenove anos, o Rei arranjou-lhe casamento com a Princesa Yashodhara, filha de Suprabuddha, o senhor do Castelo Devadaha e irmão da extinta Rainha Maya. (1998, p. 4)

O Senhor Deus disse: ‘Não é bom que o homem esteja só; vou dar-lhe uma ajuda que lhe seja adequada.’ [...] Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem. ‘Eis agora aqui, disse o homem, o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher porque foi tomada do homem⁴. Por isso, o homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne. (Gn 2, 21 – 24)

É curiosa a observação de que o homem deixa o seu pai e sua mãe para formar uma nova família com sua esposa, sendo que não era este o plano de Deus para Adão, queria que ele ficasse, com sua esposa, na casa paterna. Pelo menos, não era o plano declarado, mas o risco havia tanto pela presença da serpente, também criada por Deus, quanto pela árvore do conhecimento do bem e do mal, pois se ele não quisesse correr risco algum nenhuma das duas estaria ali.

O lado de dentro do Palácio e do Éden são de paz e tranquilidade, o lado de fora, um lugar de sofrimentos. Enquanto Buda vai para o mundo enfrentar a questão dos seus sofrimentos e os do mundo, Adão e Eva vão para o mundo onde conhecerão o sofrimento; esta história, porém, se completa quando Cristo vem para aliviar o mundo de seus sofrimentos. O que levou Buda a abandonar o Palácio foi aquele incômodo interno que tinha, ao passo que Adão e Eva foram a curiosidade e as palavras da serpente. Mas não seria, esta, a metáfora de um incômodo interno que nos leva à agir? Este incômodo, por vezes, pode ser considerado uma espécie de veneno que intoxica um estado de saúde, não é exatamente uma doença, e sim um princípio que exige uma atitude. Assim como a vingança envenena a alma, a curiosidade a torna inquieta. A serpente pode ser o símbolo desta inquietude.

2. A crise interna

A história de uma vida santa que começa com o rompimento entre a pessoa desejosa de dedicar-se à religião e a negativa dos pais é muito comum em diversas religiões. Em certa medida, este processo é sempre doloroso para ambas as partes. No caso destes relatos, há inúmeros exemplos. Para ficarmos somente com alguns, destaquemos, para o cristianismo o

⁴ Em hebraico, a palavra *Mulher* é *Ichá*, derivada da palavra *Ich*, homem.

caso de São Francisco de Assis, que quando comunicou ao pai seu desejo de abandonar a vida profana e dedicar-se à Igreja teve como resposta que tudo o que tinha o pai lhe havia dado. Então, ele tira até a roupa do corpo e sai nu da casa paterna. No caso de Buda, o paralelo é com o jainismo, pela história de seu fundador Parsavanatha. Por fim, um caso interessante é o do Pai de Santo, Agenor Miranda da Rocha, cujos pais mudaram de Angola para o Brasil, para que ele não seguisse o caminho do candomblé, e vieram residir em Salvador.⁵

Retornando a Buda, em relação aos deveres de príncipe e de pai, ele os abandona; vai embora do palácio dez anos depois do casamento, quando lhe nasce o filho Rahula. A partir daí, passa a dedicar-se à vida religiosa em busca de uma solução para sua inquietude mental. Adão e Eva são expulsos do Jardim do Éden e vão conhecer os sofrimentos do mundo, de certa forma, vão também começar a dedicar-se à religião, pois enquanto estavam no Éden ela era desnecessária, pois já estavam na presença de Deus e agora era preciso que se religassem a ele.

Sobre a história de Buda, vamos fazer uma breve digressão a respeito do romance *Sidarta* de Herman Hesse no qual, um autor de origem europeia e protestante, em contato com a religião e filosofia budista, escreve uma história romanceada de Buda, em que as coisas se passam num nível mais próximo dos sentimentos e circunstâncias humanas. O que destacamos deste romance é a forma como ele concebe o momento em que Sidarta resolve deixar a casa paterna. Sendo um moço quase perfeito em todos os aspectos causava grandes esperanças na família que se tornasse um grande sacerdote brâmane; mesmo não estando em um palácio, sua vida era cercada por conforto e tranquilidade. Porém a inquietação açulava seu coração, ele sentia um vazio que não podia ser preenchido, nem pelo amor dos pais, nem pelos rituais. Então, certo dia vendo um grupo de samanas na cidade, sentiu neles uma aura de paixão silenciosa, na expressão do autor, e isto o fez decidir ir embora e segui-los. Tal como Shuddhodana e Deus, seu pai rejeitou veemente sua decisão e exigiu obediência. Ele consentiu obedecer ao pai, mas este, vendo que o filho passara a noite em pé, meditando, resolveu consentir na partida do filho dizendo-lhe: “Hás de embrenhar-te no mato – disse ele – para ser um *samana*. Se encontrares a felicidade no mato, volta e ensina-ma. Se encontrares desilusões, procura-me novamente e juntos sacrificaremos aos deuses.” (1979, p. 12). O pai consentiu em sua volta, a princípio poderíamos dizer que o Deus da Bíblia não teria

⁵ Esta narrativa pode ser encontrada no vídeo “Um Vento Sagrado”. LIMA, José Walter. *Um Vento Sagrado*. (Documentário). PCinemavídeo, Brasil, 2001. Como também no livro: SODRÉ, Muniz e LIMA, Luís Filipe. *Um vento sagrado: história de vida de um advinho da tradição nagô-kêtu brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.

consentido, porém, veremos mais adiante que há um retorno à casa, pois esta também está aberta, como na história do filho pródigo.

Buda abandona a vida confortável do palácio em busca da solução para sua inquietude mental sobre o sofrimento. O relato nos diz que ele considerou que há duas formas de procurar auxílio, a errada, que implica em buscar uma resposta para o sofrimento junto às coisas vazias e transitórias, ao passo que a maneira correta é buscar o auxílio naquilo que transcende todos os sofrimentos humanos. Ele conclui que vivendo no palácio, cercado de prazeres, seria a maneira errada. Portanto, por causa daquela inquietude mental, ele decide abandonar o palácio. Agora, podemos refletir sobre a seguinte situação: Buda decidiu partir, ao contrário de Adão e Eva que não decidiram ir embora, foram expulsos, porém, o motivo da partida de Gautama não foi uma escolha aleatória ou um chamado à aventura, mas fruto de uma inquietude original que ele não havia escolhido, esta o levou a deixar o Palácio de Shuddhodana, seja por uma sensibilidade humana em relação ao sofrimento, seja por um dom divino, pois desde sua concepção ele parecia destinado a uma missão divina. No relato do mito, diz-se que a Rainha Maya sonhou que um elefante branco entrou em seu ventre, através da axila direita, demonstrando uma concepção extraordinária.

Mircea Eliade e Joseph Campbell apresentam relatos nos quais a intervenção dos deuses foi decisiva para que Buda decidisse deixar o palácio de seu pai. Aqui é importante destacar que há duas correntes explicativas da partida de Buda. A primeira destaca o fato de suas meditações sobre a o envelhecimento, a doença e a morte que o levaram a perceber a origem dos sofrimentos e ao ir viver como um religioso pretendia salvar a humanidade do sofrimento. Há lendas em que o cenário envolve a decisão dos deuses, numa delas, relatada por Mircea Eliade (2011, p. 74) o Rei Shuddhodana foi alertado por sábios de que seu filho deixaria o palácio, e tomou as providências para isolá-lo do mundo no jardim de prazeres. Os deuses, para fazer com que seus planos predominassem, fizeram quatro aparições no Palácio a fim de despertar aquela inquietação no jovem. Aparecem em imagens que simbolizam três causas do sofrimento: um homem idoso, sem forças, apoiando-se em um cajado; um homem visivelmente adoentado e um funeral, no qual a figura do morto se lhe destacava. Por fim, apareceram na forma de um monge mendicante cuja imagem serena e auto centrada despertou-lhe a ideia de que aquele era o caminho.

O relato de Joseph Campbell (2008, p. 169) é bem parecido com o de Eliade, apresentando algumas diferenças no desenrolar da história. Nesta versão, o príncipe, cercado em um palácio belíssimo e cheio de prazeres tem o desejo de conhecer o mundo fora destes

muros e pede que o cocheiro o conduza. O pai, sabendo de sua ideia, manda preparar a cidade para que ela seja tão perfeita e bela quanto o palácio. Os deuses, porém, sabendo da estratégia do pai se introduzem na cidade na figura de um homem muito idoso e enfraquecido. O príncipe, espantado, pergunta ao cocheiro do que se trata e o este lhe diz: “é a velhice”. Depois, pergunta se todos envelhecem e a resposta foi: “evidentemente, sim”. Então, ele começa a ver com tristeza uma vida de prazeres que se encaminhava para um futuro tão avesso à ela. Assim, nas outras três incursões do príncipe pela cidade ele contemplou a doença, a morte e o monge mendicante, um homem que renunciou ao mundo da matéria e vive isento dos desejos, portanto dos sofrimentos deste mundo. Gautama entende que este é o caminho que deveria tomar.

É interessante observar as diferentes narrativas: na obra *A Doutrina de Buda*, aparece como resultado das meditações do jovem; nestas duas acima relatadas, por sua vez, não foi uma escolha completamente independente do jovem príncipe sua saída do palácio, mas motivada pela intervenção dos deuses que criaram nele aquela inquietude. Ora, da mesma forma, Adão e Eva por acaso se deixam enganar pela serpente, porém, tanto a serpente quanto a árvore estavam no Éden. A metamorfose dos deuses é um arquétipo na mitologia, eles sempre aparecem aos humanos em formas diferentes do que são, especialmente na mitologia grega isto é comum, Zeus, em múltiplas formas apareceu às mortais. No mito de Buda os deuses aparecem disfarçados, tanto na narrativa de Eliade, quanto Campbell os deuses se disfarçam para que o destino se cumpra.

Analisemos a narrativa em Gênesis 2.

Iahweh Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara. Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento. [...] Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E Iahweh deu ao homem este mandamento: ‘Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque o dia em que dela comeres terás que morrer.’ (Gn 2, 8 – 17)

Há dois outros versículos que adiantam o sentido do que virá adiante na narrativa. O primeiro indica uma situação futura, como uma pequena observação para o leitor, que quando um homem e uma mulher se unem deixam pais e mães: “Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher e eles se tornam uma só carne” (Gn 2, 24). Ele indica que esta história nos remeterá – dentre muitas outras – à perspectiva da separação da casa paterna e materna pela qual, todos os que saem, casa passam. Neste texto, evidentemente este processo

de saída é autorizado pelo ritual do casamento. A união formará uma nova família e indica, não o fim da família anterior, mas uma mudança profunda no status da relação. O segundo versículo, voltando ao tempo presente da narrativa, afirma: “Ora, os dois estavam nus, o homem e a sua mulher, e não se envergonhavam” (Gn 2, 25). Pois não havia moralidade. Cremos que a linguagem não se restringe ao impulso erótico, mas à inocência absoluta em relação ao bem e ao mal na existência. Passemos, agora, ao momento em que esta situação entra em crise e a expulsão de Adão e Eva tornam-se irremediáveis.

Adão e Eva não decidiram abandonar o Éden, foram expulsos por desobediência, no entanto, como vimos, tal desobediência sequer teria acontecido se não houvesse nem árvore, nem serpente. Entendendo a serpente como este impulso humano pela curiosidade de conhecer e a árvore como um conhecimento que nos conduz ao livre arbítrio, pois passamos a poder distinguir o bem e o mal, passamos a ser iguais a Deus, com exceção do fato de não sermos imortais, posto terem sido expulsos antes que comessem da árvore da vida. Ora, Deus sabia que havia colocado o impulso da curiosidade no Homem e na Mulher assim como o da possibilidade de se tornarem autônomos e teve de expulsá-los ao tomarem conhecimento do bem e do mal. Não se passaria, mais ou menos a mesma coisa com pai e mãe? Ao decidirem ter filhos ou filhas, sabem que eles não serão crianças para sempre; um dia crescerão e, por conta dos impulsos naturais, tornar-se-ão seres independentes, isto é, apesar da permanência do sentimento filial, irão desenvolver o desejo de comandar a própria vida, ter sua própria casa e formar uma nova família. Em nossa sociedade, muitos não desejam formar uma nova família, nem ter a própria casa, mas de toda forma são escolhas de uma pessoa adulta e independente e, mesmo que fiquem nesta situação, reclamam para si o livre arbítrio sobre as próprias escolhas, inclusive pela escolha de permanecer na casa de pai e mãe.

Então, o paraíso, um jardim repleto de delícias, onde não se passa necessidade de absolutamente nada, é perdido para sempre por que Adão e Eva comeram o fruto da árvore do conhecimento do Bem e do Mal. A serpente aparece aqui como a personagem que promove esta mudança nos rumos da história.

A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que Iaweh Deus tinha feito. Ela disse à mulher: ‘Então Deus disse: Vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?’ A mulher respondeu à serpente: “Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Dele não comereis, nele não tocareis, que não morrais. Então a serpente disse à mulher: Certamente não morreréis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como deuses, versados no bem e no mal. A mulher viu que aquela árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore

era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o também a seu marido, que com ela estava, e ele comeu. Então abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estava nus, entrelaçaram folhas de figueira e se cingiram. (Gn 2, 2-7)

Este é o momento crítico da história, quando comeram do fruto da árvore e, por isso, adquiriram o conhecimento do bem e do mal. O primeiro deles é de que estavam nus, logo, cobriram-se porque sentiram vergonha. A partir daí vem o momento em que Deus descobre que desobedeceram sua ordem de não comer o fruto desta árvore, que a serpente estava envolvida nos acontecimentos e, por fim, os expulsa.

Passaremos, agora, à análise de dois elementos simbólicos comuns ao Éden e ao palácio do pai de Buda, as árvores e as serpentes. Fazemos, antes, uma pequena observação. Nossas fontes não trabalharam o paralelo entre os rios na narrativa judaico-cristã e budista. Há, de fato, segundo Eco (2013, p. 146) narrativas jainistas, hinduístas e budistas sobre o Monte Meru, de onde nascem quatro rios e onde está a moradia dos deuses que fora, *in illo tempore*, a antiga pátria dos homens que poderiam ser analisados, sob o ponto de vista simbólico, ao rio que regava o Éden e que se divide em quatro outros rios (Fison, Geon, Tigre e Eufrates) que irão banhar as regiões da terra. No entanto, em virtude do limite quantitativo deste trabalho e por haver poucas referências em nossas fontes, deixaremos o tema dos rios para uma outra ocasião.

3. Árvores

A simbologia das árvores é rica e variadíssima: da vida, do conhecimento, cósmica, sagrada. Em várias religiões encontramos narrativas que envolvem árvores, a Baobá, na África, Ygdrasil, na Europa, o poste sagrado Kawa-auwa na Oceania, a palmeira do Açaí, no Brasil. O corpo e o sarcófago de Osiris haviam sido envolvidos por uma árvore que, depois, foi utilizada pelo rei de Biblos na construção de seu palácio. Sendo que é um elemento da natureza muito comum para o numinoso, isto é, a manifestação do sagrado. São o *axis mundi*, assumindo um caráter cósmico. Trata-se de um elemento da natureza reproduzido em forma simbólica em mitos e sonhos por diversas razões ligadas à existência humana. As árvores, são muito comuns em relatos de sonhos, pois, do ponto de vista existencial, representam dádivas ao ser humano: fontes de alimentação com seus frutos; de perfume, com suas flores; beleza por sua aparência, destacando-se seu aspecto frondoso, longilíneo ou sua longevidade; descanso por sua sombra e frescor; apoio de seu tronco e, muitas vezes, o oco que se forma na sua base. Suas raízes nos remetem à experiência humana de formação de valores e da cultura,

enraizamento, firmar-se na terra. O fato de crescerem para cima, em direção ao céu, via de regra, representa uma projeção de desenvolvimento humano: sair da condição de broto para tornar-se adulto; encontrar um lugar onde possa desenvolver seu potencial.

Há várias árvores que estão presentes no processo de iluminação de Buda. A primeira e mais importante é a Árvore Bo⁶. Aos pés desta árvore surge o mestre da ilusão, o deus Kama-Mara, cujos nomes significam, respectivamente, Desejo e Morte. O deus tinha o propósito de despertar Buda e impedi-lo de atingir a beatitude na meditação, por isso, reivindica o lugar sob a árvore, mas Sakyamuni não pretende desistir do seu propósito, então o deus desfere dois ataques, um com três deusas tentadoras – o desejo – e, não obtendo sucesso, desfere o ataque dos seus exércitos, mas as flechas ao se aproximarem dele transformavam-se em flores. Enfim, Sakyamuni chama a Mãe Terra como sua testemunha. Neste ponto, temos uma das mais clássicas representações de Buda tocando a terra com sua mão direita e lhe é confirmado ter superado o deus Kama-Mara, isto é, superou o desejo e o medo da morte. A partir daí, nos relata Zimmer (2000, p. 326) Buda medita por mais sete semanas, cada uma ao pé de uma árvore diferente. No quinto dia, porém, ele foi protegido pelo rei serpente Mucalinda. Segundo o relato, havia uma forte tempestade e vento frio, então o rei que vivia nas raízes, protege o corpo dele envolvendo-o com sete anéis e com sua cabeça em forma de aba, o protege do vento e do frio. É interessante observar com Zimmer que há correspondências entre a história de Buda e da vida de Parsavanatha - fundador da religião Jaina - em vários aspectos, inclusive neste com a presença de árvores e a serpente: “Sem dúvida, as duas religiões compartilham uma tradição comum.” (2000, p. 150) e também com o ataque do deus da ilusão que tenta tirá-lo do caminho da iluminação, no caso de Parsavanatha, o deus se chama Samvara e tem as mesmas características de Kama-Mara. Além disso, na narrativa, a Terra e o deus serpente de sete cabeças, Dharana protegem Parsavanatha dos ataques do deus da ilusão.

Muitos filósofos, analisando esta simbologia, consideraram que, do ponto de vista do conhecimento, porém, é difícil entender como Deus havia criado uma árvores, cujos frutos dão acesso ao conhecimento do bem e do mal e proibiu Adão e Eva dele comerem. Esta situação chamou a atenção dos críticos das religiões judaicas e cristã ou, mesmo, de quem questiona, pelo menos na Europa moderna, a oposição da Igreja ao avanço das ciências e do saber. Este é o caso de Voltaire que analisa da seguinte forma a passagem da árvore do conhecimento na Bíblia:

⁶ É a árvore sob a qual Buda se senta e, sob ela, atinge a iluminação.

É difícil conceber que existisse uma árvore capaz de ensinar o bem e o mal, tal como existem pereiras e damasqueiros. De resto, por que razão não quereria Deus que o homem conhecesse o bem e o mal? Não seria o contrário muito mais digno de Deus em muito mais necessário ao homem? Parece à nossa pobre razão que Deus deveria ordenar ao homem que abundantemente comesse o fruto; mas há que submeter a nossa razão. (1973, p. 204)

Entendemos perfeitamente a posição de Voltaire com esta consideração, pois ele tinha por meta responder aos fanáticos de seu tempo que citavam trechos da Bíblia, fora do contexto, de modo literal, para defenderem seus projetos de poder e seus preconceitos. Por exemplo, era comum alguma pessoas contraditarem a teoria heliocêntrica com a famosa passagem do livro de Josué: “Josué falou ao Senhor no dia em que ele entregou os amorreus nas mãos dos filhos de Israel, e disse em presença dos israelitas: ‘Sol, detém-te sobre Gabaon, E tu, ó Lua, sobre o vale de Ajalon.’ E o sol parou, e a lua não se moveu até que o povo se vingou de seus inimigos. (Js 10, 12 – 14). De fato é isso que está escrito, mas não é, de forma alguma, uma aula sobre astronomia e este uso literal é que Voltaire procura refutar.

Ele utiliza o mesmo remédio como um antídoto, é como se dissesse “se se pode fazer interpretações literais, então eu faço esta”. A questão de fundo nesta reflexão de Voltaire, é que boa parte dos cristãos, ancorados em trechos da Bíblia, criticavam o desenvolvimento científico e filosófico impulsionado desde o renascimento, e em seu auge, neste período do iluminismo. Por que Deus, dando-nos a razão, agora nos impedia de usá-la para conhecer suas próprias obras: o ser humano e a natureza? O obscurantismo era a postura de considerar que a curiosidade científica e a reflexão filosóficas eram um desafio às ordens de Deus, mas tal postura se baseia em interpretações literais da Bíblia. Inclusive, impedia o estudo histórico e linguístico da própria Bíblia. Superada esta questão das circunstâncias dos motivos pelos quais ele a fez, podemos ver em seu discurso um excelente exemplo de uma interpretação literal da Bíblia.

4. Serpente

Como compreender, algumas passagens da Bíblia, como a figura da serpente no paraíso? Há muito escrito sobre isso, de nossa parte, gostaríamos de destacar um ponto de vista poético antes de propormos uma percepção simbólica da serpente. A poesia se manifesta num nível de linguagem que podemos chamar de artística, ela está dentro do campo dos sentimentos e não tem muito compromisso com a linguagem proposicional, lógica, como esta que usamos para escrever este livro, então elas conseguem expressar sentimentos que a razão, por mais que tentasse, por mais que gastasse mil litros de tinta de impressora e mil resmas de

folha se sulfite, não conseguiria. A letra da canção a seguir parece compreender que Deus está acima da compreensão humana e que, cabe aos seres humanos, aceitarem sua criação. O trecho da letra da canção que expressa esta aceitação é o seguinte:

Foi Deus que fez o céu, o rancho das estrelas
Fez também o seresteiro para conversar com elas
Fez a lua que prateia minha estrada de sorrisos
E a serpente que expulsou mais de um milhão do paraíso
Foi Deus quem fez você
Foi Deus que fez o amor
Fez nascer a eternidade num momento de carinho
Fez até o anonimato dos afetos escondidos
E a saudade dos amores que já foram destruídos (RAMALHO, 1980, os destaques são nossos)

O último verso da primeira estrofe expressa este sentimento de aceitação, mesmo não compreendendo os motivos de Deus em colocar a serpente no paraíso e é interessante que ele forma uma antítese em relação aos três primeiros versos, nos quais os motivos da criação estão claros e remetem a uma beleza facilmente compreensível, opondo-se antiteticamente à criação da serpente. Na segunda estrofe, destacamos que o poeta sente aproximar-se do impulso criador de Deus, por meio do amor: sentindo-se profundamente apaixonado, ele projeta este sentimento em Deus e como que conclui: se Deus sentiu o que eu sinto, então de fato criou o mundo num momento de carinho, logo a seguir, admite, novamente a criação de Deus, novamente apresentando uma antítese, pois tal como criou a experiência de um amor romântico correspondido, criou também a experiência de amores escondidos e destruídos. O poeta expressa profundo sentimento de aceitação. A última estrofe traz, em seus versos uma expressão poeticamente ambígua: “Foi Deus que fez a gente, somente para amar, só para amar. Só para amar...” (RAMALHO, 1980)

Deus criou a gente para nos amar ou para que nós amemos? A ideia de que Deus criou a humanidade por puro amor vem bem a calhar com o verso destacado *fez nascer a eternidade num momento de carinho*. Porém, há também a declaração de que o amor que os seres humanos sentem, ao que parece, na poesia mais restrito ao amor romântico, o qual, está igualmente sujeito às situações de construção e destruição: o fato dos seres humanos amarem e serem correspondidos e, por outro lado, amarem e as normas proibirem a vivência deste amor ou terem saudades dos amores perdidos são todos efeitos da criação de Deus e ele não se lamenta por isso, ao contrário, enaltece.

Desta forma, a figura da serpente, ainda que pareça estranha ter sido criada diretamente por Deus e ainda ser astuta e induzir Adão e Eva ao erro, deve ser aceita tal como está, ainda que não compreendamos suas razões. Aliás o próprio termo “razões de Deus” não pode ser considerado do ponto de vista humano, pois os atos de Deus não têm de se submeter à humana razão. No *Livro da Sabedoria* lemos: “Que homem, pois, pode conhecer os desígnios de Deus, e penetrar nas determinações do Senhor?” (9, 13). Neste mesmo sentido, podemos lembrar das palavras de Jean-Jacques Rousseau relativamente às Sagradas Escrituras:

[...] O Evangelho tem traços de verdade tão grandes, tão impressionantes, tão perfeitamente inimitáveis, que seu inventor seria mais espantoso do que o herói. Com tudo isso, **esse mesmo Evangelho está cheio de coisas incríveis que ferem a razão e que um homem sensato não pode conceber e nem admitir.** Que fazer em meio a todas essas contradições? Ser sempre modestos e circunspetos, meu filho; **respeita em silêncio o que não se pode rejeitar, nem compreender,** e humilhar-se diante do grande Ser, o único que sabe a verdade. (1992, p. 362 – 363, os destaques são nossos)

O trecho acima é um intertexto do *Emílio ou da Educação*, intitulado *A profissão de Fé do Vigário de Savoia* no qual Rousseau trata da educação religiosa do jovem Emílio que tem, nesta ocasião, por volta de catorze anos. O intertexto é repleto de experiências pessoais de Rousseau, acolhido pelo vigário, quando, ainda jovem estava sozinho no mundo. O mais interessante é a consonância deste fragmento com a canção de Luiz Ramalho, pois ambos declaram não compreender algumas criações e decisões de Deus, mas partem do princípio que devem aceita-las. Este é o caso da serpente.

A serpente também é um elemento da natureza que assume diversas funções simbólicas nas narrativas sagradas. Por vezes, como aliada do ser humano, como no casos do rei serpente Mucalinda e das serpentes emplumadas, Kukulkán e Quetzalcoatl, respectivamente Maia e Asteca e, por vezes, como adversária, como a serpente Apófis da mitologia egípcia e a serpente do Éden. Ela representa, via de regra, impulsos latentes da psique humana, forças telúricas que tendem a emergir quando despertam como a Kundalini do hinduísmo que reside no chacra da base, o Muladhara, passa pelos outros chacras, subindo pela espinha dorsal chega ao sétimo chacra, o coronário, Sahasrara provocando o despertar. Do ponto de vista da existência humana, elas chamam a atenção por trocarem de pele, que é um símbolo de renovação; estarem sempre escondidas e prontas para dar um bote, simbolizando um perigo eminente. Seu veneno, contudo, apesar de mortal, também se torna

remédio, por isso, o ditado de que a diferença entre o veneno e o remédio é a dose. Por fim, uma das mais famosas representações da serpente é o *Ouroboros* a serpente que engole a própria cauda, representando na Alquimia o trabalho completo da obra. Por conta das narrativas mitológicas e desta experiência concreta com o animal elas são também bastante comuns em sonhos, as serpentes estão associadas a estes aspectos positivos ou negativos conforme a situação, por isso, a anamnese e a cuidadosa análise da situação do sonhador são fundamentais, não podemos nos fiar em análises gerais para o significado de imagens dos sonhos, sejam serpentes, árvores, rios, florestas etc.

A serpente é um elemento fundamental da narrativa que permite a continuidade da história da humanidade, afinal, sem ela, a situação no Éden não sofreria alterações e Deus não teria porque expulsar Adão e Eva. Tal parece ser a concepção de Campbell, conforme um breve comentário dele sobre o jardim do Paraíso, no vídeo *O Poder do Mito*, trecho que não está reproduzido no livro: “Ele (Deus) sabe muito bem que o homem vai comer o fruto proibido, mas ao fazer isso, o homem inicia sua própria vida. A verdadeira vida começa com aquele momento”. (1988, 19’35’’ – 19’44’’).

Faremos duas digressões, a partir desta consideração de Campbell. Deus se disfarçou de serpente e induziu o casal à passagem da infância inocente para a vida adulta, onde teriam liberdade para decidir sobre o bem e o mal. Deus fica aflito com a situação de Adão e Eva, porque conhecer o bem e o mal e morarem fora do jardim significa também conhecerem os sofrimentos do mundo, dos quais, dentro do Éden, estavam poupados. Como pai ele não desejava que o jovem casal saísse de perto dele e teve que expulsá-los. Como Deus onisciente, ele sabia muito bem qual era o desfecho da história no jardim do Éden: a necessária expulsão do casal por desobediência. No entanto, analisando do ponto de vista simbólico, Deus expulsa o casal e isto não deve ser interpretado literalmente, ou seja, os pais não devem, nem precisam, expulsar os filhos para que se tornem adultos e independentes. Uma vez que estamos num momento do texto de livre interpretação, podemos imaginar uma outra perspectiva para este momento angular da narrativa: um diálogo entre Deus e a serpente. Deus, está no paraíso, sentado meditando quando a serpente dele se aproxima. Ela se aproxima, com calma, mas firme. Então, pergunta a Deus se ele estava pensando em adiar o destino. Ele diz que é muito difícil, mesmo para ele, fazer o que deveria ser feito: permitir que eles passassem de um estado de inocência absoluta, para um de possibilidade do pecado. A serpente insiste que isso deve ser feito. Ele pede a ela que o faça. Ela diz: sempre eu tenho que fazer o trabalho duro? Ela se retira. Logo depois conversa com Eva no jardim.

Comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal pode significar também, poder decidir escolher, ter consciência do que é bem e do que é mal, enfim, passar para um estado de autonomia. Assim, Adão e Eva adentram o campo da possibilidade de pecar, uma vez que crianças inocentes, sem capacidade de discernir, a rigor, não pecam. Pecado, na sua raiz grega, *amartía*, significa, erro. Há muitas questões dogmáticas envolvendo o sentido desta palavra, por isso, delimitaremos a discussão apenas ao seu aspecto psíquico. Podemos considerar que os desejos não são pecados em si mesmos, como vimos, o ser humano é volitivo e, por isso, ter desejos é natural. Na medida em que desejamos, temos, conseqüentemente sentimentos e o problema é quando ocorre um desencontro entre os desejos e os valores morais. Estes, são assumidos pelas pessoas adultas, como referenciais de orientação e derivam da moral da sociedade, da religião e das escolhas do próprio indivíduo. Há desejos que nos levam a agir conforme os valores morais e há desejos que nos levam a agir contrariamente a eles; estes são os ditos, pecados.

Na dimensão humana, os pais podem sentirem-se traídos com a inevitável constatação de que os filhos, ao crescerem, vão se tornando seres independentes e tendo vontades próprias, que, muitas vezes, não coincidem com a dos pais. Trata-se de um processo de ruptura que não deve ser menosprezado, ele é tão traumático quanto um luto: quando os filhos saem de casa, os pais devem aceitar este processo, muitas vezes, seguindo os cinco estágios do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Na narrativa de Gênesis 2, encontramos o estágio da raiva – quando da expulsão – e da aceitação - quando não os abandona completamente.

5. Dos sofrimentos

É notável como o tema dos sofrimentos estão presentes nas duas narrativas. Na história de Buda, o sofrimento é o motivo de suas inquietudes e, quando ele parte para sua jornada espiritual este se torna o principal núcleo de suas reflexões. Na história de Adão e Eva, eles não conheciam o sofrimento e, portanto, não tinham qualquer incômodo em relação a ele, somente o conhecerão quando da expulsão. A partir daí as histórias entram em sintonia novamente: a vida dos seres humanos na terra é marcada pelo sofrimento dos trabalhos, doença, envelhecimento e morte. As religiões tem por objetivo libertar as pessoas deste sofrimento ou, talvez, fazer com que as pessoas entendam e suportem os sofrimentos que a

vida, inevitavelmente proporciona. Para Umberto Eco estes lugares de paraíso atendem a uma necessidade humana: “Em suma, parece que, diante do mundo da realidade cotidiana, que tantas vezes se mostra doloroso e insuportável, os homens sonham com uma terra feliz à qual um dia pertenceram – e à qual um dia talvez possam retornar.” (2013, p. 149) Voltando às nossas fontes, podemos dizer que fora a questão do sofrimento como elemento mais profundo destas religiões, deste ponto em diante, o conjunto de mitos e ritos as difere.

Para a serpente o castigo é ser odiada por todos outros animais e ter que rastejar na terra. Os castigos para Adão e Eva serão: à mulher as dores do parto e ao homem ter de obter o pão de cada dia com o suor do próprio rosto.

E fez o Senhor Deus a Adão e à sua mulher túnicas de peles, e os vestiu. Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente. O Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado. E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida. (Gn 3, 21-24)

A expulsão não implicou num completo abandono. Em primeiro lugar, por um detalhe bastante interessante: Deus fez para Adão e Eva túnicas de pele e, ao longo de toda a história, estará amparando os seres humanos. Certo é que foram expulsos do Paraíso, da casa paterna, para onde não poderiam retornar, por isso, a presença de dois querubins, cujas espadas eram flamejantes para guardar o caminho da árvore da vida, isto é, para que não se tornassem imortais o que é uma explicação simbólica para a mortalidade humana.

Conclusões

A mitologia comparada é um exercício que, apesar de realizado há bastante tempo, nos coloca diante de determinadas situações arquetípicas do ser humano e nos permite refletir, não somente sobre a psique individual, mas também sobre a vida humana em sociedade, moldada pela cultura. Há sempre o risco de extrapolar os aspectos históricos e culturais de cada mitologia em particular ao realizarmos paralelos que, tal como os mitos, ultrapassam os

limites do espaço e do tempo. De toda forma, acreditamos que vale o risco, pois não são poucos os casos em que a mitologia comparada nos proporcionou reflexões assaz interessantes sobre o ser humano. Neste trabalho, procuramos tomar um cuidado fundamental: o de não considerarmos que uma mitologia fosse mais evoluída ou de um povo mais avançado que outro, isto é, que uma cultura tivesse desenvolvido completamente a consciência e a outro não.

Tal como em Sidarta, Deus - pai e mãe - criam um lugar protegido para os filhos, onde eles vivem sem se preocupar com os sofrimentos do mundo; ambos não desejam que saiam dali, pois possuem um amor protetor. O que é o pecado ou queda? Um determinado conhecimento, fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal? A moralidade! Os filhos transitam pelo crescimento à vida adulta – aqui o impulso erótico é evidente na história cristã, mas não na de Buda – e quando chegam a este ponto tornam-se adultos também. O pai de Buda não queria que ele sáísse, o Deus na Bíblia também não parece que desejava expulsar os filhos para o mundo, mas não de forma só cruel pois lhes dá roupas. Este processo de se tornar adulto implica um rompimento com o lar materno, a lição é para os pais: deixe-os ir, estão adultos. Quando é chegada a hora, em que aquele incômodo por conhecer o mundo e tomar as próprias decisões, não tente impedi-los de ter o conhecimento do bem e do mal, isto é, alegrias e tristezas, prazeres e sofrimentos do mundo. Nesta perspectiva, estamos refletindo sobre o pecado original do ponto de vista do arquétipo do crescimento e separação dos filhos, quando desejam sair da casa paterna uma vez que adquiriram o conhecimento do bem e do mal, isto é, que se tornaram adultos e independentes moralmente.

Por que uma serpente é o fator de mudança? Parece-me que ela representa a natureza orgânica, telúrica do ser humano, como se o desenvolvimento das potências naturais que nos levam da infância à puberdade e depois à juventude fosse esse impulso que leva à desobediência, ao desejo de conhecer algo que antes não conheciam. Provavelmente, o fato de ser Eva a mulher a primeira a ceder a este impulso deve estar relacionado a algum fator cultural dos autores, por isso, não devemos tomar tal narrativa para os orientar sobre a atual e importante questão dos gêneros, hoje, pois o fato mais claro é que tanto os jovens como as jovens se desenvolvem naturalmente, este desenvolvimento é a causa da autonomia do ser humano adulto. Ao comerem o fruto do conhecimento, isto é, entrarem em contato com instituições e relacionamentos pessoais fora do paraíso construído pelos pais, começarão a enfrentar a dura realidade da vida: o trabalho, as dores, os sentimentos humanos. Isto é, trata-se de um processo de amadurecimento pelos quais todos nós passamos.

A expulsão do paraíso é a mesma reação do pai de Sidarta ao sentir duas dores: a primeira é o de que agora não poderá mais controlar o mundo de delícias onde os filhos vivem e terá que contemplá-los sofrer como todos os outros seres humanos. A segunda é que os pais sentem, na partida dos filhos de casa, uma sensação de perda, de ninho vazio. Tal situação passa, arquetipicamente, pela ideia da traição dos filhos: porque fizeram isso? Contudo, aos poucos, os pais devem aceitar este afastamento e o entende-lo como natural.

Por fim, como sugestão, acredito que o mito do pecado original e de Buda nos remetem a duas realidades. A primeira é que os pais devem proporcionar um ninho para os filhos; a época da inocência deve ser vivida como tal. Algumas pessoas, ansiosas para prepararem os filhos para o mundo, acabam querendo que eles conheçam o bem e o mal, quando ainda não estão preparados para isso, nem sequer biologicamente, considerando que a serpente pode ser o símbolo do desenvolvimento neurológico, via coluna vertebral. É preciso levar em conta, pois o tempo. Por um lado Cronos: isto é, o crescimento natural; e também Kairós, o momento certo de conhecer o bem e o mal. A segunda, é a de que este processo de separação é natural, porém, em virtude das paixões humanas, não é vivenciado de modo tranquilo, por isso, estes mitos tratam deste processo como uma lição para pais e mães. Compreender e aceitar sua realidade como natural, não significa que, emocionalmente, a separação seja automaticamente assimilada, é preciso aceita-la internamente, algo que por mais difícil que pareça, pode ser alcançado.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Ave Maria, 1982.

BULTMANN, Rudolf Karl. *Crer e compreender*. Artigos selecionados. Tradução: Walter Altmann e Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. Tradução Adail U. Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. Tradução: Betty S. Flowers. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2008.

CAMPBELL, Joseph e Moyers, Bill. *O Poder do Mito*. (Vídeo em DVD). São Paulo: LOG ON Editora Multimídia; TV Cultura Marcas, 1988.

- CAMPBELL, Joseph. *Para viver os mitos*. Tradução de Anita Moraes. São Paulo: Cultrix, 2006.
- ECO, Umberto. *História das terras e lugares lendários*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. Tradução: Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa: Artes e Letras/Arcádia, 1979.
- ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno: cosmo e história*. Tradução José A. Ceschin. São Paulo: Mercury, 1992.
- HESSE, Herman. *Sidarta*. Tradução: Herbert Caro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- JUNG, C. G. *A energia psíquica*. Tradução: Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. Petrópolis: Vozes, 1999.
- JUNG, C. G. *A vida simbólica*. Tradução Araceli Elman, Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JUNG, C. G. *O Eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1987. Tradução: Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JUNG, C. G. (org.) *O homem e seus símbolos*. Tradução Maria L. Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- LAO TZU. *Tao Te King: o livro do sentido e da vida*. Texto e comentário: Richard Wilhelm. Tradução: Margit Martincic. São Paulo: Pensamento, 1995.
- LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. Tradução: Mario Krauss e Vera Barrow. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- LURKER, Manfred. *Dicionário dos deuses e demônios*. Tradução: Cecília C. Bartalotti e Marcelo C. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MARQUES, José O. A. (Org.) *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a Religião e a Moral*. Tradução de José O. A. Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- McCALL, Henrietta. *Mitos da Mesopotâmia*. Tradução: Geraldo Costa Filho. São Paulo: Editora Moraes. 1994.
- MILTON, John. O Paraíso Perdido. *Clássicos Jackson*. Volume XIII. Tradução: António José de Lima Leitão. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1956.
- PIEPER, Frederico. *Linguagem mitológica & hermenêutica: o projeto de desmitologização de Rudolf Bultmann*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

RAMALHO, Luiz. (Compositor). Foi Deus quem fez você. Interpretado pela cantora Amelinha. LP. *Porta Secreta*. Brasil: Gravadora CBS, 1980.

ROUSSEAU, J. – J. *O Emílio ou da Educação*. Tradução de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

ROUSSEAU, J. – J. *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a Religião e a Moral*. Tradução de José O. A. Marques (org.). São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SILVEIRA, Nise. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

TRICCA, Maria H. de Oliveira. (Compiladora). *Apócrifos II: os proscritos da Bíblia*. Tradução: M. H. O. Tricca. São Paulo: Mercuryo, 1992.

VOLTAIRE. Dicionário Filosófico. Trad. Marilena Chauí de Souza Berlinck. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ZIMMER, Heinrich. *Filosofias da Índia*. Compilado por Joseph Campbell. Tradução: Nilton A. Silva, Cláudia G. Bozza e Adriana F. de Cesare. São Paulo: Palas Athena, 2000.